

# DIVISÕES E CONTENDAS NA IGREJA

Quando um indivíduo escrevia uma carta no mundo greco-romano, ele se identificava logo nas palavras de abertura. Em seguida, ele estabelecia os objetivos que pretendia alcançar com aquela correspondência. Por meio de algumas pinceladas, Paulo iniciou a carta aos coríntios assumindo uma posição de autoridade sobre seus leitores e, ao mesmo tempo, expressando uma carinhosa preocupação com eles. O que viria a seguir se referia ao relacionamento com Deus revelado nas interações entre os membros da comunidade da igreja.

Poucos anos antes, os leitores de Paulo nunca tinham ouvido falar de Jesus Cristo; “a igreja de Deus” era uma expressão sem significado para eles. A situação mudou drasticamente. Agora, o apóstolo podia aproveitar sua recente experiência com a igreja para ajudar os cristãos a vencerem as dificuldades. Aqueles irmãos tinham percebido que pertencer a Cristo não resultou diretamente na libertação das seduções do pecado. Algumas das dificuldades enfrentadas pelos cristãos de Corinto decorriam de não terem prestado apoio mútuo como devem fazer os crentes. Também, instalou-se na igreja um tumulto por conta das pressões de um mundo hostil e sem Deus.

## SAUDAÇÕES DE PAULO E SÓSTENES (1:1–3)

<sup>1</sup>Paulo, chamado pela vontade de Deus para ser apóstolo de Jesus Cristo, e o irmão Sóstenes,

<sup>2</sup>à igreja de Deus que está em Corinto, aos santificados em Cristo Jesus, chamados para ser santos, com todos os que em todo lugar invocam o nome de nosso Senhor Jesus Cristo, Senhor deles e nosso:

<sup>3</sup>graça a vós outros e paz, da parte de Deus, nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo.

**Versículo 1.** Paulo iniciou a maioria de suas cartas identificando-se como tendo sido **chamado... para ser apóstolo**. As exceções são Filipenses, as duas cartas aos tessalonicenses e Filemom. A declaração formal da autoridade apostólica é algo inesperado numa carta endereçada a amigos; poderíamos até pensar que seria uma ofensa. Num cenário moderno, uma pessoa com título de mestrado ou doutorado provavelmente preferiria ser chamada pelo primeiro nome – mesmo que fosse por um indivíduo jovem – numa reunião com a igreja. Amigos normalmente não usam títulos quando conversam entre si. Ao identificar-se como “apóstolo”, Paulo manteve certa distância de seus leitores. Ele era amigo deles; porém, como um bom pai, ele era mais do que um amigo. Paulo foi comissionado por Deus. Amizade à parte, nem ele nem os coríntios deveriam se esquecer de que ele era um apóstolo de **Jesus Cristo**.

Paulo não parecia estar defendendo o seu apostolado em 1 Coríntios; tanto ele como seus leitores já esperavam que ele exercesse liderança espiritual. O apostolado foi a plataforma da qual ele falou às necessidades da igreja coríntia<sup>1</sup>, porém também foi a força motriz que o compeliu a levar a mensagem de Cristo ao mundo. Entre as marcas de um apóstolo que Paulo alegou possuir estava o fato de ter visto o Senhor (9:1; 15:8); porém essa alegação foi elabora-

<sup>1</sup> Gordon D. Fee afirmou que o conflito entre Paulo e a igreja em Corinto foi um dos motivos fundamentais da escrita da carta. Consequentemente, ele argumentou que Paulo enfatizou sua autoridade através da confirmação de seu apostolado. (Gordon D. Fee, *The First Epistle to the Corinthians*, The New International Commentary on the New Testament. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1987, pp. 28–30.) É evidente que havia tensão entre Paulo e certos elementos em Corinto, mas essa tensão não parece ser uma preocupação predominante em todas as partes da carta.

da sobre algo mais. Ele foi designado para o ofício pelo chamado do próprio Deus (Gálatas 1:15) e foi confirmado através da presença do Espírito (1 Coríntios 7:40; Gálatas 3:2). Aos coríntios, em especial, o apostolado de Paulo era evidente. Foi ele quem os conduziu a Cristo, e foi ele quem lhes conferiu as bênçãos do Espírito (2 Coríntios 3:2, 3).

As palavras introdutórias de Paulo aos seus leitores afirmavam que ele estava pronto para aceitar a responsabilidade que o apostolado lhe conferia. Ele estava pronto para desagradar, se fosse esse o preço da liderança. Poderiam esperar que ele assumisse uma posição ao lado do Senhor contra qualquer conduta ímpia ou qualquer comprometimento da confissão cristã. A carta deveria ser mais do que uma nota casual ou amistosa. Até mesmo nas cartas endereçadas a seus companheiros de trabalho, Timóteo e Tito, Paulo identificou-se como “apóstolo”. Embora essas cartas se destinassem a amigos pessoais, Paulo esperava que sua instrução e admoestação guiasse os evangelistas na arena pública.

Quem se unia a Paulo na saudação inicial da carta era **Sóstenes**. Em Romanos, Gálatas, Efésios, nas duas cartas a Timóteo e em Tito, somente Paulo cumprimentou os irmãos. O nome de Timóteo ocorre juntamente com o de Paulo na saudação de 2 Coríntios, Filipenses, Colossenses e Filemom. Nas duas cartas aos tessalonicenses, Paulo diz que Silas e Timóteo estão com o apóstolo. Somente em 1 Coríntios Paulo estava acompanhado de Sóstenes.

“Sóstenes” era um nome de certa forma raro, mesmo para um grego, ocorrendo somente aqui e em Atos 18:17 no Novo Testamento. Surge aqui, de imediato, uma pergunta: Seria esse Sóstenes que mandou saudações aos coríntios o mesmo denominado “o principal da sinagoga” que foi açoitado diante do tribunal de Gálio, em Corinto, em Atos 18:17? Se era, o que o Sóstenes coríntio fazia em Éfeso? Tudo indica que ele não fora enviado de Corinto até Paulo, em Éfeso, com perguntas da igreja. Pelo menos, o apóstolo não o mencionou entre os homens enviados com a carta de Corinto (1 Coríntios 16:17). Além disso, ele não é citado em nenhum outro trecho da carta. Possivelmente, eram indivíduos diferentes; porém temos de perguntar por que, entre todos os cristãos de Éfeso, somente Sóstenes uniu-se a Paulo nessa saudação.

Suponhamos que, por razões desconhecidas, o Sóstenes de Corinto (Atos 18:17) tivesse imigrado para Éfeso. Ele parecia ser um homem proeminente dentro da comunidade judaica de Corinto. Quando

Crispo, o ex-principal da sinagoga coríntia, confessou que Jesus é o Cristo, os judeus da cidade ficaram sem líder (Atos 18:8). Sóstenes havia dado um passo adiante. Talvez tenha sido ele quem propôs que os judeus acabassem de vez com os cristãos diante de um tribunal romano. Ele queria que as autoridades vissem os cristãos não como judeus, mas como agitadores que estavam transtornando o mundo e que não mereciam a posição nem a proteção concedida aos judeus pela lei romana. Aos olhos dele, os cristãos estavam tentando persuadir os judeus e gregos “a adorarem a Deus por modo contrário à lei” (Atos 18:13). Sóstenes, essencialmente, declarou: “Nós, judeus, repudiamos os cristãos. Eles não são dos nossos. Vocês, romanos, tratem-nos como quiserem, como tratariam membros de qualquer outra religião estranha”.

O julgamento perante Gálio não evoluiu para o que Sóstenes esperava. Por razões que Atos não explica totalmente, os representantes do tribunal decidiram prender o líder da sinagoga e espancá-lo, provavelmente severamente. O açoitamento ocorreu debaixo dos olhos desinteressados do próprio procônsul. Por causa da decisão de Gálio sobre essa questão, é possível que ele tenha fornecido precedente legal entre os romanos, que, nos anos vindouros, classificariam judeus e cristãos na mesma categoria de adoradores de Deus. Todavia, Atos 18:17b diz: “Gálio, todavia, não se incomodava com estas coisas”.

Talvez, após ser espancado perante Gálio, Sóstenes tenha perdido o favor dos coríntios e isso colaborou para que se mudasse para Éfeso. Ali, ele teria se encontrado com Paulo novamente, possivelmente por iniciativa própria. Ouviu, então, o apóstolo e seguiu os passos de Crispo; recebeu Cristo como Senhor, tornando-se a segunda autoridade da sinagoga coríntia a confessar a fé em Cristo e a mensagem cristã.

Sóstenes juntou-se a Paulo na saudação aos coríntios, porém está claro que ele não participou realmente da redação de 1 Coríntios. O fato de seu nome aparecer junto com o de Paulo era um sinal para os cristãos coríntios de que ambos estavam na vanguarda de um movimento vitorioso (veja Romanos 1:8–10; Colossenses 1:6; 1 Pedro 5:9). Nenhuma oposição poderia resistir aos propósitos de Deus, os quais seriam realizados. Paulo pode ter acrescentado ao nome de Sóstenes o adjunto **irmão** porque os coríntios não esperavam saudações da parte de um velho inimigo. A conversão do líder deve ter sido

uma surpresa bem-vinda.

**Versículo 2.** Paulo endereçou a carta à **igreja de Deus que está em Corinto**. O termo “igreja” foi adotado da LXX<sup>2</sup>. No mundo secular, era o termo comum para uma assembleia municipal em que os cidadãos decidiam questões do estado (veja Atos 19:39). Leitores gregos teriam dificuldade em separar a palavra da ideia de uma assembleia. Quando Paulo usou “igreja” com respeito aos crentes, ele o fez com o entendimento de que os cristãos se reuniam. Independentemente do que mais a igreja era ou fazia, ela se reunia. A vida em comunidade era sustentada pelos constantes encontros. Os cristãos se reuniam na presença de Deus e Lhe ofereciam louvor. Eles se reuniam para oferecer apoio, confirmação e estímulo mútuos na profissão de uma fé comum e a adoção de um estilo de vida comum (Hebreus 10:23–25).

O apóstolo sabia que a profissão de fé de seus leitores e o comportamento deles estavam condicionados pelo que eles pensavam de si mesmos. Eram “a igreja de Deus”; assim como Paulo, haviam sido **santificados em Cristo Jesus**. Eram santificados porque Deus os chamou como um povo para usarem o Seu nome. “A santificação não consiste numa qualidade moral particular que foi obtida, mas numa relação particular com Deus que foi concedida.”<sup>3</sup> Ser santificado é ser santo. O uso que Paulo faz desse vocábulo é mais do que descritivo. Ele estava desafiando aqueles cristãos a serem o que Deus fez deles. Suas vidas deveriam refletir a santidade que os proclamou para estarem no mundo, mas não serem do mundo. Já nesse início, as palavras de Paulo começavam a confirmar a unidade essencial do corpo de Cristo. As divisões dentro da igreja em Corinto eram uma afronta ao corpo único que pretendiam ser.

Embora os problemas e preocupações tratados na carta se direcionassem especificamente à igreja em Corinto, os cristãos coríntios precisavam entender que a comunidade deles fazia parte de uma fraternidade mundial. Quer fizessem parte da igreja em Corinto, quer de Éfeso ou outra cidade, os crentes se constituíam de **todos os que em todo lugar invocam o nome de nosso Senhor Jesus Cristo, Senhor deles e nosso**. Eles se beneficiavam da ampla obra redentora de Deus e, ao mesmo tempo, con-

tribuíam com ela. Os cristãos em Corinto precisavam entender sua missão no cenário da mensagem de salvação que se estendia no tempo e no espaço. Jesus Cristo, Senhor de todos os crentes em todos os lugares, era “Senhor” dos coríntios bem como do apóstolo e seu companheiro.

**Versículo 3.** A oração e desejo afetoso do apóstolo pela igreja coríntia foi expressa nas típicas saudações de uma carta grega. **Graça a vós outros**, escreveu ele, e **paz**. Essas palavras não devem ser ignoradas; não eram um simples cumprimento superficial. A fé vinculava Paulo à igreja coríntia. Eram um só povo porque **Deus, nosso Pai, e o Senhor Jesus Cristo** fizeram deles um. As fronteiras colocadas por Deus os separavam das massas incrédulas entre as quais viviam. Os cristãos coríntios sabiam que a paz e a graça estavam com eles.

A Paternidade de Deus e o Senhorio de Jesus Cristo eram princípios chaves para Paulo. Na literatura grega, Zeus era visto como um pai divino, pelo menos em certas ocasiões; mas sua paternidade tinha mais a ver com o panteão do Olimpo do que com a família humana. Mesmo no Antigo Testamento a Paternidade de Deus não é um tema recorrente, ainda que não seja completamente ausente (veja Oseias 11:1–4). Tanto Jesus como Paulo viram na paternidade uma metáfora útil para ajudar os crentes a entenderem o amor de Deus por Seu povo e a responsabilidade desse povo perante Ele. Deus Pai e o Senhor Jesus são igualmente partes da Divindade. Os cristãos encontram graça e paz na dualidade e na unicidade dessas duas Pessoas.

### **EM TUDO FOSTES ENRIQUECIDOS POR DEUS (1:4–9)**

As escolas de retórica do mundo greco-romano ensinavam oradores e autores a iniciarem seus discursos com palavras que servissem de ponte entre eles e o respectivo público. Sendo um homem instruído, Paulo valeu-se de seu conhecimento secular como uma ferramenta na comunicação. Após a saudação formal, o apóstolo lembrou a igreja coríntia das bênçãos que Deus lhes concedera:

**“Sempre dou graças a [meu] Deus a vosso respeito, a propósito da sua graça, que vos foi dada em Cristo Jesus; <sup>5</sup>porque, em tudo, fostes enriquecidos nele, em toda a palavra e em todo o conhecimento; <sup>6</sup>assim como o testemunho de Cristo tem sido confirmado em vós, <sup>7</sup>de maneira que não vos falte nenhum dom, aguardando vós**

<sup>2</sup> A LXX, ou Septuaginta, é a tradução das Escrituras do Antigo Testamento para o grego.

<sup>3</sup> Victor Paul Furnish, *Theology and Ethics in Paul*. Nashville: Abingdon Press, 1968, p. 155.

**a revelação de nosso Senhor Jesus Cristo,<sup>8</sup> o qual também vos confirmará até ao fim, para serdes irrepreensíveis no Dia de nosso Senhor Jesus Cristo. <sup>9</sup>Fiel é Deus, pelo qual fostes chamados à comunhão de Seu Filho Jesus Cristo, nosso Senhor.**

Essas palavras são amáveis. Deus escolheu os coríntios, mas eles não eram destinatários passivos da graça. Eles também tomaram uma decisão em relação a Deus. Como fez em toda a carta, Paulo apelou para que seus leitores fossem o que Deus planejou que fossem. Abençoados como eram, ainda não haviam concluído a tomada de decisão por Cristo ao confessarem a Paternidade de Deus e o senhorio de Cristo. Uma longa jornada de fidelidade os aguardava.

**Versículo 4.** Paulo costumava iniciar suas cartas com uma oração de agradecimento (Romanos 1:8; Efésios 1:6; Filipenses 1:3; Colossenses 1:3; 1 Tessalonicenses 1:2; 2:13; 2 Tessalonicenses 1:3). Ele era grato pela graça que Deus demonstrara aos crentes coríntios e pela resposta fiel que eles deram. Considerando o tumulto que estava ocorrendo dentro da igreja, é admirável que Paulo tenha escrito: **Sempre dou graças a [meu] Deus a vosso respeito.** E a oração não deve ser ignorada como uma formalidade. A graça de Deus **que vos foi dada em Cristo Jesus** era operante em face das fraquezas humanas. Deus justifica pecadores até mesmo dentro da igreja carentes de maturidade. Paulo era grato por crentes em Corinto terem obedecido ao evangelho e por Deus tê-los acrescentado ao corpo dos salvos. Ele não permitiria que a ignorância e o orgulho manifestos em Corinto o distraíssem da obra que Cristo fizera ao redimir um povo.

Em duas breves frases (1:3, 4), Paulo citou duas vezes a palavra traduzida por **graça** (χάρις, *charis*). O apóstolo não hesitou em usar o termo para expressar seu significado comum de favor ou boa vontade (1:3), mas no versículo 4 ele elevou esse significado a outro nível. Para os cristãos, “graça” tinha um significado técnico como dádiva inesperada, gratuita e misericordiosa de Deus “dada... em Cristo Jesus”. Todas as correções e repreensões de Paulo na carta devem ser lidas no contexto da gratidão de Paulo pela graça que ele compartilhou com os irmãos da igreja coríntia. Por mais que as dificuldades imediatas incomodassem aqueles cristãos, o apóstolo queria que seus leitores soubessem que as bênçãos espirituais que eles desfrutavam em Cristo

eram uma dádiva de Deus. Paulo confiava que, à medida que eles crescessem na graça de Deus, superaríamos a tendência a divisão e ao pecado que estava sufocando o Espírito dentro deles.

**Versículo 5.** A alusão do apóstolo a **toda a palavra e todo o conhecimento** introduz questões que ganham mais espaço no desenvolvimento da carta. Alguns crentes coríntios pareciam ter orgulho de sua alegada sabedoria, porém o que eles entendiam ser sabedoria era diferente do que Paulo entendia (3:18–20). Paulo era grato por seus leitores terem sido **enriquecidos nele**; participavam amplamente de tudo que o Senhor tinha para oferecer. Para Paulo, Jesus era a fonte de “toda palavra e todo conhecimento”. O apóstolo louvou e, ao mesmo tempo, censurou com habilidade. O orgulho coríntio na palavra e na instrução, exaltado numa arena mundana, deu às palavras de Paulo mais do que uma pitada de ironia.

A carta torna aparente que alguns coríntios supervalorizavam a eloquência definida pelas convenções retóricas daquela época. Paulo sabia que habilidades retóricas poderiam ou não servir à causa do Senhor. Embora os coríntios se orgulhassem de sua sabedoria, Paulo tinha reservas. Em Cristo, eles haviam sido abençoados em conhecer e falar de Deus, de Sua revelação, redenção e vida eterna. Em vez de dar glória a Deus, os coríntios, ao que parece, passaram a valorizar o discurso eloquente e a sabedoria expressa com inteligência como se fossem fins em si mesmos.

A pregação do apóstolo não oferecia espaço para vanglória ou comparações que trazem discórdia. Tanto ele como os irmãos coríntios valorizavam o conhecimento e a comunicação clara da verdade; porém os critérios pelos quais ele julgava a fala e o entendimento não eram os mesmos que os deles. Aqueles irmãos eram de fato ricos, mas ainda não admitiam que as dádivas compartilhadas em Cristo os convocavam a rejeitar as atitudes das pessoas à sua volta.

**Versículo 6.** O conhecimento de Cristo veio do testemunho que Paulo e outros haviam dado aos coríntios. Afirmavam que Jesus manifestou-Se o Cristo em palavras e ações (15:1–4). Deus declarou que Jesus de Nazaré é Seu Filho ressuscitando-O dos mortos (Romanos 1:4). O apóstolo recorreu ao que os coríntios sabiam: **o testemunho de Cristo** que havia sido **confirmado** neles. O texto deixa os leitores desavisados, não familiarizados com as circunstâncias conhecidas por Paulo e seus primeiros

leitores, a indagar como o testemunho apostólico teria sido confirmado. Mais tarde, Paulo afirmou: “Pois as credenciais do apostolado foram apresentadas no meio de vós...” (2 Coríntios 12:12). Enquanto Paulo esteve na cidade, pela imposição de suas mãos, o Espírito Santo foi confiado a alguns coríntios com poder. Os receptáculos dessa bênção podiam, de acordo com sua discrição, operar atos miraculosos (1 Coríntios 12:7–10).

A pregação do evangelho, de fato, foi confirmada por milagres, mas Paulo talvez tivesse em mente, aqui, algo diferente. Talvez ele estivesse fazendo alusão a mudanças que ocorreram no modo como os coríntios viviam ou a experiências que eles passaram a desfrutar por serem um povo redimido. Vidas transformadas podiam confirmar a verdade de seus ensinamentos. Por mais apelativa que essa explicação pareça, ela é indefinida e abstrata. O verbo traduzido por “confirmado” (de βεβαιώω, *bebaioō*) deve ter feito os coríntios se recordarem de ocasiões em que eles experimentaram a cura de um aleijado ou a recuperação da visão de um cego. O autor de Hebreus usou o mesmo verbo ao escrever sobre o testemunho da verdade acompanhado de “sinais, prodígios e vários milagres e por distribuições do Espírito Santo” (Hebreus 2:3, 4).

**Versículo 7.** O apóstolo empenhou-se em confirmar a medida das bênçãos espirituais que seus leitores haviam experimentado. Eles haviam participado da graça de Deus e, conseqüentemente, **não** [lhes] falt[ava] **nenhum dom**. Havia-se enriquecido na palavra e no conhecimento. O testemunho de Cristo fora confirmado entre eles. Dada a natureza de tais bênçãos, como é que mesquinhez, divisões, confusão e mundanismo eram evidentes na igreja? Antes de fazer perguntas difíceis, o apóstolo quis primeiramente confirmar que confiava na obra de Deus entre os coríntios. Todavia, ele queria que eles soubessem que nenhuma das bênçãos emanava de sabedoria, poder ou bondade deles mesmos. No devido tempo, o apóstolo pediu-lhes que explicassem a origem da confiança irracional deles em sabedoria e poder humanos (3:18–20).

Apesar de “não lhes faltar nenhum dom”, a natureza de vários dons tem sido objeto de muitos debates. “Dom” é uma tradução da palavra χάρισμα (*charisma*), a qual ocorre dezesseis vezes nas cartas de Paulo e uma vez em 1 Pedro 4:10. Quando chegou a Roma, ele esperava conferir aos cristãos dali “algum dom espiritual” (Romanos 1:11). No texto original grego, essa palavra ocorre cinco vezes em

1 Coríntios 12. Os diversos dons miraculosos desfrutados pelos coríntios foram dados pelo “mesmo Espírito” (12:4). Nestes contextos, é claro que *charisma* se refere a dons especiais, sobrenaturais; todavia, Paulo usou o termo algumas vezes sem qualquer aparente referência a milagres. Por exemplo, Romanos 11:29 diz: “Porque os dons e a vocação de Deus são irrevogáveis”. Duas considerações tornam provável que Paulo tivesse em vista dons sobrenaturais em 1 Coríntios 1:7. Primeiramente, no contexto ele afirmara a fé dos coríntios referindo-se à plenitude das bênçãos que eles receberam. Essa plenitude incluía dons miraculosos. Em segundo lugar, equivocadamente, os coríntios haviam posto ênfase nos dons miraculosos (12:29–31). A menção desse problema em 1:7 antecipa a correção de Paulo em 12:29–31.

Não faltava aos cristãos coríntios dons espirituais, todavia os dons eram importantes somente quando avaliados dentro do quadro mais amplo dos desígnios de Deus. Paulo mostrou uma nova perspectiva quando chamou a atenção de seus leitores para a **revelação de nosso Senhor Jesus Cristo**. Num lance sutil, ele lembrou os coríntios de que eles estavam aguardando uma consumação. Dons e prestígio adquirem um novo tom quando se vive à espera da volta do Senhor. Quaisquer que fossem os dons espirituais ou o conhecimento desfrutado pelos coríntios, a volta de Cristo, “a revelação de nosso Senhor”, era a expectativa mais ardente deles. A igreja de Cristo deve sempre viver com um olho direcionado para o horizonte, pois “o fim de todas as coisas está próximo” (1 Pedro 4:7).

Nós, cristãos, temos a segurança de que, pela graça de Deus, podemos perseverar até o fim; porém a perseverança não é uma conclusão predeterminada. Mais tarde, Paulo considerou a possibilidade de que até ele mesmo poderia se tornar “desqualificado” (1 Coríntios 9:26, 27). Aos que preservam a fé no Senhor, nenhuma força mundana tem poder para separá-los do amor do Senhor (Romanos 8:38, 39). Jesus é nosso auxiliador e amigo. O Senhor perdoará e reivindicará os Seus.

**Versículo 8.** “A revelação de nosso Senhor Jesus Cristo” em 1:7 é outra maneira de se referir ao **Dia do nosso Senhor Jesus Cristo** em 1:8. A história caminha em direção à volta do Senhor, o fim da existência terrena e do tempo. A raça humana não está se arrastando até o tempo acabar numa lamúria. Deus dá propósito e direção, à medida que o tempo prossegue.

“O Dia do Senhor” é um conceito importante no Antigo Testamento. O emprego desse termo pelos profetas ajuda a explicar seu significado no Novo Testamento. Os profetas usaram “o Dia do Senhor” no sentido de qualquer dia em que o Senhor age poderosamente para salvar ou castigar o Seu povo. No Novo Testamento, “o Dia do Senhor” é sempre o dia da volta do Senhor. Os cristãos sabem da certeza de Sua volta, mas não o dia exato; a única pista de quando o Senhor vai voltar é que será como um ladrão à noite (Mateus 24:36; veja 1 Tessalonicenses 5:2).

**Versículo 9.** A certeza da salvação se baseia na fidelidade de Deus. O Deus único e verdadeiro não é caprichoso, como os gregos concebiam seus deuses. **Fiel é Deus**, que está sempre ao lado de Seus filhos. A **comunhão de Seu Filho** provavelmente é a melhor tradução da expressão grega em 1:9, que está no caso genitivo e significa literalmente “pela comunhão de Seu Filho”. A comunhão que os cristãos desfrutaram uns com os outros só é possível por causa da comunhão que eles têm em comum com Cristo (1 João 1:6, 7).

Considerando o constante uso que Paulo faz do nome de Cristo, fica evidente que o pensamento de Paulo estava enraizado em Cristo. Ele manteve Jesus Cristo diante dos coríntios do começo ao fim da epístola. Longe de confiar em seu próprio poder e sabedoria, Paulo manteve os olhos fixos no Senhor. Cada ato e cada pensamento dele deveriam ser para a glória dAquele que chama os perdidos para a vida eterna.

#### **A EXORTAÇÃO DE PAULO A RESPEITO DE DIVISÕES NA IGREJA (1:10–17)**

No desenvolvimento da carta, Paulo respondeu várias perguntas que a igreja coríntia lhe mandou. Antes de abordar essas perguntas, o apóstolo quis tratar das divisões que ameaçavam o corpo (1:10—4:21). Comunicados recentes que o apóstolo recebera de Corinto fizeram o problema de divisão latejar em sua mente. De certo modo, disputas e dissensões na igreja eram os problemas mais incômodos para os apóstolos tratarem. Alguns cristãos em Corinto pareciam ter um orgulho exagerado por serem leais a Paulo. Poucas coisas eram mais importantes para Paulo do que a unidade do corpo de Cristo (Efésios 4:4–6). A possibilidade de alguém ligar o seu nome a uma facção ou partido dentro da igreja era algo que o incomodava. Como testificam todos que se empenham em plantar igrejas atualmente, novas congregações são peculiarmente suscetíveis a divi-

são.

Vários fatores podem ter contribuído para a tendência da igreja coríntia à divisão. Embora os irmãos tivessem varados dons espirituais, eles não possuíam uma palavra escrita com autoridade para definir a fé e a prática cristã. O Novo Testamento ainda estava em processo de ser formado. Em segundo lugar, os crentes coríntios se mostraram pensadores independentes. Davam ouvidos a vozes novas e se entretinham com ideias novas; de outro modo, não teriam escutado a Paulo e abraçado uma religião que não tinha crédito entre seus concidadãos. A mesma abertura de mente que os levou a aceitar a mensagem de Paulo deixou-os suscetíveis a perversões do ensino do apóstolo. Em terceiro lugar, Corinto era uma cidade em que mestres de todos os tipos podiam ensinar publicamente. Os moradores estavam acostumados com as correntes filosóficas daquele tempo. O resultado disso era, constantemente, se desenhar e redesenhar as linhas que definiam a lealdade partidária a mestres ou filiações. Paulo pode não ter se surpreendido ao descobrir as forças divisórias que estavam em ação na igreja, porém ele não queria que ninguém usasse o nome dele como causa para a formação de um partido.

#### **“Irmãos, Mantenham-se Unidos” (1:10)**

**<sup>10</sup>Rogo-vos, irmãos, pelo nome de nosso Senhor Jesus Cristo, que faleis todos a mesma coisa e que não haja entre vós divisões; antes, sejais inteiramente unidos, na mesma disposição mental e no mesmo parecer.**

**Versículo 10.** A menção da “comunhão de Seu Filho”, em 1:9, preparou uma suave transição para o apelo por unidade que se inicia em 1:10. A comunhão com Cristo é o que mantém os cristãos juntos, mas os crentes coríntios estavam negligenciando essa unidade, porquanto buscavam seus próprios interesses. Aqui, como em outros trechos de suas cartas, Paulo estava expondo a própria alma. Esta não era uma epístola imparcial e acadêmica. As duas cartas aos coríntios evidenciam compaixão, solidariedade, decepção e indignação. O plural **irmãos** é usado vinte e sete vezes só em 1 Coríntios. Como foi que a igreja abriu mão de sua irmandade? Os cristãos haviam se dividido em facções e partidos. O apóstolo começou mansamente. Rogou-lhes que não se contentassem com o estado atual. Ele queria que eles fossem unidos, na mente e no co-

ração. O rogo não era só de Paulo; ele foi feito em **nome de nosso Senhor Jesus Cristo**.

As **divisões** entre os crentes podem ocorrer em diferentes níveis. Nenhuma é aceitável. Às vezes, congregações do povo do Senhor se recusam a ter comunhão com outras congregações. As circunstâncias variam. As divisões podem ocorrer quando uma congregação adota práticas que negam o ensino bíblico. Também podem ocorrer quando uma congregação impõe suas opiniões e preferências a outros cristãos que se reúnem em outro local.

Algumas divisões não passam do nível congregacional. Quando Paulo incentivou seus leitores a falarem **todos a mesma coisa** e serem **inteiramente unidos, na mesma disposição mental e no mesmo parecer**, ele estava pensando em questões internas pertinentes à igreja em Corinto. As divisões dentro de uma igreja local tendem a ser mais pessoais, porém não são menos destrutivas que as divisões no cenário maior da igreja. É admirável a quantidade de espaço no Novo Testamento dedicado a incentivar os cristãos a se amarem, respeitarem e honrarem. Talvez nenhum teste de fé seja mais exigente do que o esforço por honrar ao Senhor mantendo a unidade no nível congregacional.

#### **“Suas Contendas não Têm Base” (1:11–16)**

**<sup>11</sup>Pois a vosso respeito, meus irmãos, fui informado, pelos da casa de Cloe, de que há contendas entre vós. <sup>12</sup>Refiro-me ao fato de cada um de vós dizer: Eu sou de Paulo, e eu, de Apolo, e eu, de Cefas, e eu, de Cristo. <sup>13</sup>Acaso, Cristo está dividido? Foi Paulo crucificado em favor de vós ou fostes, porventura, batizados em nome de Paulo? <sup>14</sup>Dou graças [a Deus] porque a nenhum de vós batizei, exceto Crispo e Gaio; <sup>15</sup>para que ninguém diga que fostes batizados em meu nome. <sup>16</sup>Batizei também a casa de Estéfanos; além destes, não me lembro se batizei algum outro.**

**Versículo 11.** Pode-se pressupor rapidamente que Cloe era uma negociante cristã, cujos parentes ou servos viajavam de Corinto a Éfeso. O nome é feminino, mas não há certeza se ela era uma mulher cristã. A tradução **os da casa de Cloe** pode ser tendenciosa, visto que a expressão grega também indica apenas alguma associação com Cloe. A família ou os representantes de Cloe podem ter entrado em contato com Paulo de diversas maneiras. A própria

Cloe talvez fosse natural de Corinto ou Éfeso. Não importa o informante, Paulo soube das divisões e contendas ocorridas dentro da comunidade cristã de Corinto através “dos da casa de Cloe”. A maneira mais natural de os da casa de Cloe tomarem conhecimento desses assuntos seria do vantajoso ponto de vista dos participantes da comunidade cristã. Foi através deles que Paulo soube das **contendas entre** [eles] – uma situação perturbadora.

**Versículo 12.** É preciso muito cuidado ao se avaliar as sentenças deste versículo. A interpretação delas influencia a leitura de todos os primeiros capítulos de 1 Coríntios. Alguns sugerem que o apóstolo estava apresentando uma caricatura do lamentável espírito de divisão operante em Corinto. Todavia, quando Paulo falou das divisões no capítulo 3 e 4 acrescentando os nomes dos mestres, isso indica que haviam se formado realmente partidos em torno dos nomes. Essas facções haviam adotado os dizeres **eu sou de Paulo** ou **eu [sou] de Apolo**, porém isso não implica que os próprios mestres tivessem incentivado a formação desses partidos. A formação de facções era um feito dos coríntios.

Os leitores da Bíblia sabem que Paulo e Apolo tinham estado em Corinto, mas não está claro se Pedro<sup>4</sup> estivera ali também. A última menção de Pedro em Atos foi no chamado Concílio de Jerusalém (Atos 15:7). Ele pode ter saído de Jerusalém algum momento após a conferência e passado um tempo em Corinto. Em contrapartida, cristãos judeus portando cartas da igreja em Jerusalém (veja 2 Coríntios 3:1) podem ter ido a Corinto alegando falar em nome de Pedro. A combinação de Atos 15:1 com Gálatas 2:11 e 12 ilustra como cristãos judeus adversários de Paulo, às vezes, se mobilizavam atrás dele para minar o seu trabalho. Além disso, dois anos após 1 Coríntios ser escrita, alguns da igreja foram influenciados por certos grupos que queriam impor a lei de Moisés aos gentios convertidos (2 Coríntios 3:4–11). Alguns podem ter alegado que Pedro era o líder de tal partido sem o conhecimento de Pedro.

Independentemente de Pedro ter estado ali, Cristo com certeza nunca esteve em Corinto. Dá para imaginarmos como seria uma facção em nome de Cristo. Não eram todos de Cristo? Quando o apóstolo mencionou as facções novamente em 3:4–9, ele só citou a si mesmo e a Apolo. Em 3:22

<sup>4</sup> Além de Gálatas e 1 Coríntios, Pedro é chamado de “Cefas” somente em João 1:42. “Cefas” era o nome preferido de Paulo para o apóstolo, embora, ocasionalmente, ele o chamasse de “Pedro”.

encontramos uma terceira menção de Cefas, mas as facções não eram o assunto em questão. Visto que Paulo e Apolo eram os principais líderes entre os coríntios, e visto que as características pessoais deles eram consideravelmente diferentes, alguns cristãos da cidade provavelmente acabaram por eleger um ou outro como um herói.

É provável que as divisões tenham surgido de apelos a diferenças filosóficas. Somente mais tarde, estabeleceu-se uma facção em favor de Paulo e outra em favor de Apolo. Ao adicionar outros nomes à confusão, Paulo demonstrou como era absurdo aquele comportamento. “Vamos enfiar uma facção de Pedro”, disse ele provavelmente, “e uma de Cristo”. Parece que essas facções em Corinto giravam em torno de preferências pessoais e inclinações filosóficas que consideravam Paulo ou Apolo mais interessante. Se houvesse também partidos adeptos de Pedro e Cristo, a facção de Pedro provavelmente teria a adesão dos mestres que perseguiram Paulo nas igrejas da Galácia (Gálatas 5:3–6). Se houvesse um partido real de Cristo, seus membros poderiam alegar superioridade por terem se afiliado ao Senhor – uma afiliação que, na mente deles, os tornava mais dedicados que os demais.

Paulo não forneceu pistas de que os partidos tinham pensamentos diferentes. No mundo antigo, a lealdade pessoal era tudo; lealdade a princípios era algo praticamente inexistente. Paulo, Apolo e também Pedro, nesse aspecto, tinham um pensamento comum sobre as doutrinas centrais da fé, embora tenham colocado ênfase em áreas diferentes. A descrição de Apolo em Atos sugere que ele era eloquente e também instruído. Possivelmente, ele era uma figura mais interessante aos olhos dos que procuravam respeitabilidade entre os que valorizavam a sabedoria do mundo. Com o tempo, parece que começaram a se achar melhores do que os outros.

**Versículo 13.** A descrição imparcial que o apóstolo fez do assunto em questão logo se transformou em irritação. Ele iniciou uma série de perguntas: **Acaso, Cristo está dividido?** Alguém seria capaz de dividir e repartir Cristo? Para o apóstolo, dividir o corpo de Cristo em partes era o mesmo que dividir o próprio Senhor. A igreja é o corpo de Cristo (Efésios 1:22, 23). Uma tradução mais exata do grego (μυμέρισται, *memeristai*) seria: “Cristo está dividido?”, pois é esse o sentimento de Paulo. A descrença implicava uma resposta: “Vocês tem ousado dividir o corpo de Cristo em partes?”

Paulo poderia ter perguntado: “Foi Apolo ou

Cefas crucificado por vocês?”, mas a situação causada tinha um lance pessoal. Que cada um falasse por si mesmo; Paulo queria que o seu nome estivesse fora disso. **Foi Paulo crucificado em favor de vós?** O apóstolo parecia acreditar que o uso do seu nome equivalia a alegar que ele era o Senhor. Só o pensar nisso o horrorizava.

A terceira pergunta de Paulo – **Ou fostes, porventura, batizados em nome de Paulo?** – é particularmente interessante. Oferece uma perspectiva iluminadora sobre a associação que o apóstolo fez entre ter sido batizado e estar em Cristo. Nessa pergunta, Paulo demonstrou que era inconcebível ser cristão sem ter sido batizado (veja Romanos 6:3, 4). Quando ele perguntou: “Foi Paulo crucificado em favor de vós?”, a implicação era que Cristo, e não Paulo, foi crucificado por eles. Imediatamente após a pergunta, ele fez a pergunta sobre terem sido batizados. Ele sabia que seus leitores entendiam que o batismo testemunhava que eles eram participantes dos benefícios da cruz (veja Colossenses 2:12).

**Versículo 14.** Paulo não teria que batizar um crente pessoalmente para que este fosse batizado em nome de Paulo. Ainda assim, o apóstolo queria deixar claro que ele não participara desse ato. Poucas pessoas podiam afirmar que Paulo as batizou, e nenhuma podia dizer com certeza que ele batizava em seu próprio nome. Paulo estava alarmado diante dessa noção.

No calor do momento, o apóstolo só se lembrou de duas pessoas a quem batizara pessoalmente: **Crispo e Gaio**. Ao leitor resta imaginar por que Paulo batizou esses dois homens. Ambos parecem ser homens ricos e proeminentes. Quando Paulo escreveu a carta aos romanos de Corinto, ele disse que Gaio recebeu em sua casa ao apóstolo e a toda a igreja de Corinto (Romanos 16:23). Aparentemente, Gaio possuía uma casa grande. Crispo fora o líder da sinagoga judaica de Corinto antes de se converter (Atos 18:8). Paulo pode ter batizado os dois pessoalmente por causa da elevada posição social deles. Esses batismos podem ter sido ocasiões especiais para aquela igreja. Gerd Theissen observou: “Parece, então, que Paulo restringiu-se a batizar alguns membros influentes e importantes da comunidade”<sup>5</sup>. Provavelmente, as divisões tinham a ver com tensões entre pessoas de diferentes níveis

<sup>5</sup> Gerd Theissen, *The Social Setting of Pauline Christianity: Essays on Corinth*, ed. e trad. John H. Schütz. Filadélfia: Fortress Press, 1982, p. 55.

sociais (veja 1 Coríntios 11:20–22).

**Versículo 15.** A postura defensiva de Paulo é um indicador de que ele tinha críticos dentro da igreja. Mesmo se alguém alegasse ter sido batizado em nome de Paulo, o apóstolo queria deixar claro que isso não foi feito com sua aprovação. Ele podia dizer com certeza que nenhum cristão coríntio que ele batizara podia alegar ter sido **batizado em nome** dele.

**Versículo 16.** O apóstolo fez uma pausa para voltar atrás com a alegação de ter batizado somente Crispo e Gaio com as próprias mãos. Ele se lembrou de que também batizara a **casa de Estéfanos**, um cristão não mencionado em Atos nem em Romanos 16. A palavra “casa”, tanto aqui como em Atos 16:15 e 34 não sugere que crianças foram batizadas juntamente com adultos. O candidato aprovado para o batismo tem de ser definido em cima de outras bases, que não sejam a referência a “casa”.

Estéfanos, juntamente com Crispo e Gaio, podem ter sido importantes na igreja em Corinto. Mais tarde, Paulo recordou os coríntios de que Estéfanos estava entre os primeiros convertidos daquela cidade e incentivou a igreja a se sujeitar a líderes como ele (16:15, 16). Parece que Estéfanos, juntamente com outros, tinham viajado para Éfeso portando uma carta da igreja coríntia (7:1a; 16:17). Os dois homens que o acompanharam tinham nomes comuns a escravos. “Fortunato” significa “sortudo”; “Acaico” é um adjetivo gentílico que provavelmente o identificava como sendo da Acaia, e Corinto era a sede de governo da província da Acaia. Estéfanos pode ter levado consigo alguns de seus escravos para viajar de Corinto a Éfeso, a fim de consultar Paulo. Riscos sempre acompanhavam uma viagem. Três homens juntos estariam mais seguros do que um homem viajando sozinho.

Depois de reconhecer que batizara Estéfanos, Paulo se protegeu de qualquer outro lapso de memória implorando por indulgência. **Além destes, não me lembro se batizei algum outro**, confessou o apóstolo. Paulo não tinha intenção de enganar. Se ele deixasse de mencionar outros batizados por ele, seria devido a uma falha de memória. Suas palavras são um lembrete de que inspiração era mais do que o ditado de palavras pelo Espírito Santo. O Espírito Santo sabia quantas pessoas o apóstolo havia batizado; o próprio Paulo, não.

**“Ponha o Foco na Cruz de Cristo” (1:17)**

**<sup>17</sup>Porque não me enviou Cristo para batizar, mas para pregar o evangelho; não com sabedoria de**

**palavra, para que se não anule a cruz de Cristo.**

**Versículo 17.** O motivo pelo qual Paulo batizou poucos coríntios com as próprias mãos era que o Senhor o enviou **para pregar o evangelho**. Tanto a maneira de Paulo pregar como o conteúdo de sua mensagem se baseavam na revelação do Senhor. A autoridade de um apóstolo de Cristo era o esteio do que Paulo ensinara em Corinto. O batismo é uma confissão corporal de Cristo; quem executa o batismo é uma questão indiferente. O que o Senhor faz quando uma pessoa é batizada para a remissão ou perdão de seus pecados é de suma importância. As palavras do apóstolo não contêm nenhuma indicação de que o batismo é uma questão opcional. Ser batizado em Cristo é ser sepultado e ressurreto com Ele (Romanos 6:4; Colossenses 2:12). No batismo, os cristãos são lavados e santificados (1 Coríntios 6:11) pela fé no sangue redentor do Cordeiro.

Paulo contrastou a sua própria pregação com um tipo de sabedoria que anulava a cruz de Cristo. Ele esclareceu que as divisões na igreja tinham muito a ver com o valor que os coríntios davam à sabedoria definida pela cultura. A pregação do apóstolo não era da mesma categoria que as de muitos mestres viajantes que apareciam em Corinto e em outras cidades gregas daquele tempo. Paulo não tentou impressionar com didática ou eloquência. Sua mensagem era divina. Confiar no empenho humano seria anular a cruz de Cristo. Paulo procurava agradar a Cristo não só naquilo que pregava, mas também na maneira como pregava.

Anteriormente, Paulo garantiu aos coríntios que, na palavra e no conhecimento, eles eram participantes das riquezas de Cristo (1:5); mas alguns crentes buscavam mais. Alguns coríntios apreciavam a retórica e a filosofia empregadas no campo do conhecimento do mundo greco-romano (3:18–20). O apóstolo conhecia os modelos de retórica daquele tempo, mas ele não fora até eles com **sabedoria de palavra**. Nada do que Paulo lhes falara nem nada do que lhes escrevera fora calibrado para dar tal efeito. A imagem pública da igreja era uma preocupação menor do que o que a igreja era essencialmente. A reputação do apóstolo como homem de letras não era tão importante para ele quanto “a cruz de Cristo”. Para Paulo, expressar inteligência era **anular** a graça de Deus demonstrada na cruz.

**A SABEDORIA DE DEUS (1:18–31)**

O clima religioso em Corinto e em outras cida-

des gregas por si só causava admiração pelo discurso sábio e pela especulação sofisticada. Nada nas palavras de Paulo aponta para uma marca particular desse método didático pretensioso. O espírito de divisão operante na igreja era resultado de preferências e lealdades partidárias que apoiavam o prestígio de alguns cristãos que decidiram exercer domínio sobre outros. A igreja estava adotando os padrões de poder e influência do mundo. Em luta contra sua frustração, Paulo se põe a convencer seus leitores de que o poder e a sabedoria segundo os padrões do mundo não têm espaço na vida comunitária dos que confessam que Jesus é o Cristo. O Senhor a quem eles servem foi crucificado. Deus escolheu as coisas menosprezadas do mundo. Os cristãos coríntios tinham um problema de disposição; o comportamento deles precisava mudar a ponto de poderem se embriagar do espírito de Cristo.

#### A “Loucura” da Mensagem da Cruz (1:18–25)

**<sup>18</sup>Certamente, a palavra da cruz é loucura para os que se perdem, mas para nós, que somos salvos, poder de Deus. <sup>19</sup>Pois está escrito:**

**Destruirei a sabedoria dos sábios e aniquilarei a inteligência dos instruídos.**

**<sup>20</sup>Onde está o sábio? Onde, o escriba? Onde, o inquiridor deste século? Porventura, não tornou Deus louca a sabedoria do mundo? <sup>21</sup>Visto como, na sabedoria de Deus, o mundo não o conheceu por sua própria sabedoria, aprouve a Deus salvar os que crêem pela loucura da pregação. <sup>22</sup>Porque tanto os judeus pedem sinais, como os gregos buscam sabedoria; <sup>23</sup>mas nós pregamos a Cristo crucificado, escândalo para os judeus, loucura para os gentios; <sup>24</sup>mas para os que foram chamados, tanto judeus como gregos, pregamos a Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus. <sup>25</sup>Porque a loucura de Deus é mais sábia do que os homens; e a fraqueza de Deus é mais forte do que os homens.**

**Versículo 18.** Paulo contrastou dois grupos de indivíduos: **os que se perdem** e **os que somos salvos**. Ele usou o tempo presente para atrair a atenção para o processo em andamento. Esse contraste não era entre os salvos e os perdidos, mas entre os que estavam se perdendo e os que eram salvos. Para Paulo, estar em Cristo não era um estado definitivo, “de uma vez por todas”; era um drama a ser desvelado e vivido num mundo em que um momento de

decisão precedia outro.

A marca dos “que se perdem” estava na visão de que toda essa ideia de um Salvador crucificado numa cruz era **loucura**. A mensagem da cruz é para olhos humanos loucos e constitui uma pedra de tropeço. A loucura está no que o mundo considera sábio: para meros humanos, nada parece inteligente ou filosófico numa mensagem que concerne a um criminoso executado<sup>6</sup>. O ponto inicial da confissão cristã (15:3) contradiz acirradamente a ideia de conhecimento sofisticado dos homens sábios.

A marca dos “que somos salvos” é a crença de que o espetáculo da cruz demonstra o **poder** de Deus. As noções de poder, inteligência e sabedoria do mundo foram derrubadas quando Deus redimiu a raça humana mandando Jesus de Nazaré para a cruz. A comunidade de cristãos havia sido moldada pela cruz. O apóstolo estava desesperado para que seus leitores entendessem isso. O comportamento faccioso baseado em lealdades partidárias e a competição por prestígio demonstravam que os coríntios não haviam entendido a cruz. Como não podiam enxergar a ironia? O apóstolo não precisava explicar o tipo de pessoa que morria numa cruz. Pessoas impotentes, párias sociais, indivíduos maus eram crucificados – e não príncipes, reis, muito menos salvadores. Todavia, o poder de Deus para os “que somos salvos” está na cruz.

**Versículo 19.** A cruz ofereceu ao mundo uma novidade radical, desafiando todos os padrões do poder e das regras humanas. O leitor perspicaz da Escritura Judaica podia reconhecer a cruz como a continuação de um tema que jamais se desvincula da revelação de Deus. A história do antigo povo que viveu na planície de Sinar sintetizava os que se perdem (Gênesis 11:1–9). Os homens sempre construíram suas torres, e Deus sempre desceu para confundir duas línguas. Desde Ana (1 Samuel 2:1–10) a Maria (Lucas 1:46–55), Deus tem levantado o pobre do pó. Nada de novo Ele estava afirmando, quando disse por meio de Isaías: **Destruirei a sabedoria dos sábios** (veja Isaías 29:14)<sup>7</sup>. Paulo disse que os cristãos coríntios fariam bem em olhar para a cruz e para a revelação de Deus a fim de julgarem os sim-

<sup>6</sup> I. Howard Marshall, *New Testament Theology: Many Witnesses, One Gospel*. Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 2004, p. 268.

<sup>7</sup> Exceto pela última palavra, a citação de Paulo de Isaías 29:14 é da LXX. Em vez de Deus dizer: “Destruirei [ou anularei] a sabedoria dos sábios” (ἄθετήσω, *athetēsō*), a LXX diz: “Esconderei . . .” (κρύψω, *krupsō*).

patizantes do poder do discurso inteligente e do conhecimento sofisticado.

**Versículo 20.** As perguntas que Paulo fez implicavam que não havia entre os crentes de Corinto nenhum aclamado pelo mundo por possuir grande instrução. A pergunta **Onde está o sábio?** foi uma forma respeitosa de lembrá-los que a sabedoria mundana não era a origem da salvação deles. O apóstolo não estava rejeitando a sabedoria num sentido absoluto. Antes, estava declarando que a sabedoria fornecida por Deus pertence a um patamar diferente da sabedoria do mundo (2:6). Jesus enfatizou o mesmo ponto: “Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios e instruídos e as revelaste aos pequeninos” (Lucas 10:21).

Discutir um caso com sabedoria, oralmente ou por escrito, era o epítome da sabedoria e do conhecimento para os gregos e os romanos. Paulo queria que a congregação de Corinto olhasse para si mesma e indagasse: **Onde [está] o escriba? Onde, o inquiridor deste século?** Os sábios do mundo não tinham tempo para Cristo. A pergunta de Paulo para os coríntios era: “Qual é a origem de sua admiração pelo conhecimento que impera neste mundo?” Quando Deus deu Suas bênçãos aos cristãos, Ele **tornou louca a sabedoria do mundo.**

Paulo, provavelmente, não tinha em vista categorias específicas de pessoas: alguns “sábios”, alguns “escribas” e alguns “debatedores”. Ele provavelmente empregou os termos citados no versículo 20 como designações gerais para os tipos de coisas que geralmente acompanham os valores e ideias deste século. Talvez ele estivesse refletindo sobre sua própria educação em Tarso e Jerusalém. Paulo não menosprezava o conhecimento. A verdadeira instrução pode servir para a causa de Cristo; mas ela não promove as qualidades de autopromoção e interesse próprio que tendiam a se passar por sabedoria em Corinto.

**Versículo 21.** Paulo contrastou, drasticamente, a **sabedoria** dos sofistas da praça e dos filósofos instruídos com a **loucura** do evangelho que os cristãos tinham ouvido o apóstolo anunciar.

Ele havia observado que a humanidade, ou seja, **o mundo** (κόσμος, *kosmos*), a mercê de si mesmo, tinha acesso somente a um vislumbre de Deus em fenômenos naturais (Romanos 1:20). O pecado havia contaminado a pouca percepção de Deus que o mundo natural poderia ter ensinado a esses sábios. Buscando ser seus próprios deuses, os homens não conseguiram subir mais alto do que seu orgulho e

o amor pelos prazeres permitiram. “Inculcando-se por sábios, tornaram-se loucos” (Romanos 1:22).

O fato de a humanidade **não conhecer** a Deus era por si só um sinal da **sabedoria de Deus**. Mesmo assim, Deus não virou as costas para os seres humanos arrogantes e sensuais. Pelo contrário, um ato de amor abnegado e inexplicável impeliu-O a mandar o Seu Filho para morrer como um fraco. Na morte do Filho, Deus abriu a porta para a reconciliação. Os que creram vieram a ser salvos **pela... pregação** de Paulo, embora o mundo não achasse sabedoria num deus crucificado. A sabedoria deste mundo transforma reflexos de espelho de si mesma em deuses. O único conhecimento de Deus imbuído de verdade advém da auto-revelação de Deus. Conhecer a Deus é confiar na orientação dEle e alinhar o comportamento moral e ético em harmonia com o que Ele mesmo mostrou ser.

**Versículo 22.** Paulo dividiu em duas categorias a resposta da humanidade à loucura da pregação sobre um Salvador crucificado: judeus e gregos. Obviamente, ele generalizou. Nem todo judeu nem todo grego reagiu da mesma maneira; porém, toda vez que um desses grupos étnicos confiava em suas próprias tradições, sua própria inteligência, isso afastava a sabedoria de Deus. **Os judeus ped[iam] sinais** do céu que corporificassem a veracidade do que estavam ouvindo. Jesus enfrentou as indagações deles. Quanto Paulo sabia do ministério de Jesus na Galileia é uma pergunta sem resposta, porém o apóstolo pode ter ouvido relatos de conversas entre Jesus e a liderança religiosa judaica. “Mestre, queremos ver de tua parte algum sinal”, disseram eles (Mateus 12:38). “Que sinal fazes para que o vejamos e creiamos em ti?” (João 6:30).

A ironia de tais pedidos era que o ministério de Jesus já estava repleto de sinais. Os judeus tinham cumprido a profecia de Isaías: “...vendo, vejam e não percebam; e, ouvindo, ouçam e não entendam” (Marcos 4:12; veja Isaías 6:9, 10). Os sinais não se limitaram aos feitos de Jesus. O apóstolo escreveria, mais tarde, aos coríntios: “Pois as credenciais do apostolado foram apresentadas no meio de vós” (2 Coríntios 12:12). Os judeus tinham reagido regularmente à “loucura da pregação” (1:21) pedindo um sinal, porém nenhum sinal os satisfaria.

A reação dos **gregos** à boa nova de um Salvador crucificado geralmente foi um sorriso desprezioso; tinham a reputação de buscar **sabedoria**. A especulação filosófica entre os pensadores gregos durante o início da era cristã foi de longo alcance.

Para eles, a sabedoria não era relegada a um quartinho de reclusão, onde sábios ruminavam em isolamento. Havia pregadores de rua dos ignorantes aos mais sofisticados. Observadores casuais tornaram-se críticos perspicazes. Sapateiros e curtidores debatiam os méritos do filósofo mais recente a penetrar na cidade. Para muitos gregos, Paulo era a última manifestação desse tipo de pregador. Procuravam trocadilhos sutis, jogadas retóricas inteligentes e explicações modernas. A possibilidade de conhecer a Deus e de transformar a vida por causa de um Salvador crucificado e ressurreto estava além da sabedoria que realmente **buscavam**.

**Versículo 23.** Sem hesitar e empregando o pronome enfático “nós”, Paulo ofereceu aos coríntios uma alternativa para o pedido dos judeus por um sinal e a obsessão cega dos gregos por sabedoria: **nós pregamos a Cristo crucificado**. Ele não ofereceu um sinal para satisfazer as expectativas dos judeus em relação ao Ungido de Deus; nem ofereceu sabedoria para intrigar os sábios gentios. A verdade seguia por uma direção que nenhum deles previu. A cruz ensinou tanto a ironia quanto a expressão máxima da sabedoria de Deus: “Porque, de fato, foi crucificado em fraqueza; contudo, vive pelo poder de Deus” (2 Coríntios 13:4a).

Leon Morris observou: “O poder da cruz abre o caminho para os mais humildes conhecerem a Deus e vencerem o mal, e essa é uma sabedoria muitíssimo superior a qualquer coisa que os filósofos pudessem produzir”<sup>8</sup>. Brevard S. Childs comentou: “O símbolo da cruz tornou-se central para o entendimento de Paulo a respeito da morte de Cristo ao retratar, da forma mais pungente, a incapacidade de o homem transcender a si mesmo”<sup>9</sup>.

João Batista apresentou Cristo dizendo: “Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!” (João 1:29). Décadas depois, o apóstolo João veria numa visão o que estava montado num cavalo branco. Ele relatou: “...e foi-lhe dada uma coroa; e ele saiu vencendo e para vencer” (Apocalipse 6:2). O Cristo crucificado se tornara o Salvador que reina. O poder de Deus anulou as expectativas judaicas; a sabedoria divina confundiu o conceito gentílico da cruz com loucura. O paradoxo da força na fraqueza

e da sabedoria na loucura tornou-se uma estrela-guia para o apóstolo. “Se tenho de gloriar-me”, escreveria ele mais tarde, “gloriar-me-ei no que diz respeito à minha fraqueza” (2 Coríntios 11:30), “... Porque, quando sou fraco, então, é que sou forte” (2 Coríntios 12:10).

**Versículo 24.** O apóstolo continuou a contrastar uma abordagem de Deus definida por expectativas humanas (sinais e especulação filosófica) com uma abordagem em que Deus toma a iniciativa de salvar. O ensino cristão não se baseia em especulação abstrata a respeito do divino; é uma afirmação do que Deus fez. Não é para todos – somente **para os que foram chamados** – que, na cruz, Cristo é **poder de Deus e sabedoria de Deus**. O fato de os cristãos serem “os chamados” reforça a iniciativa de Deus, sem remover a necessidade de o homem responder positivamente a esse chamado.

A pregação de Paulo não era produto de alguma escola filosófica; era a revelação de que o apóstolo e seus leitores eram os redimidos porque Deus jamais deixou de amá-los, mesmo na presença do pecado. A premissa do apóstolo era que quando os coríntios comessem a levar a sério a mensagem de Cristo, as divisões entre eles e apelos ao poder e à sabedoria do homem se tornariam menos relevantes.

**Versículo 25.** Paulo tinha tanta confiança na verdade do evangelho que ele estava disposto a abrir mão de sua aparência de loucura e fraqueza. Pelos padrões humanos, não havia nada elogiável na cruz. Concordando que os perdidos tinham motivo para julgar que o evangelho era loucura, o apóstolo respondeu que **a loucura de Deus é mais sábia do que os homens**. Que os homens em geral consideram o evangelho loucura é, por si só, um testemunho de que ele procede de Deus. Ninguém esperaria de Deus uma comunicação equivalente às expectativas humanas. Um simples fato é mais importante do que o mundo avaliar se é loucura ou sabedoria o que Deus faz: **a fraqueza de Deus é mais forte do que os homens**. Que os homens discutam como quiserem; no fim de tudo Deus triunfará. O Senhor voltará. A salvação está e estará na cruz.

### A Sabedoria que se Acha em Cristo (1:26–30)

<sup>26</sup>Irmãos, reparai, pois, na vossa vocação; visto que não foram chamados muitos sábios segundo a carne, nem muitos poderosos, nem muitos de nobre nascimento; <sup>27</sup>pelo contrário, Deus escolheu

<sup>8</sup> Leon Morris, *1 Coríntios - Introdução e Comentário*. Série Cultura Bíblica, 3a. ed., trad. Odayr Olivetti. São Paulo: Vida Nova e Mundo Cristão, 1986, p. 36.

<sup>9</sup> Brevard S. Childs, *Biblical Theology of the Old and New Testaments: Theological Reflection on the Christian Bible*. Minneapolis: Fortress Press, 1992, p. 512.

as coisas loucas do mundo para envergonhar os sábios e escolheu as coisas fracas do mundo para envergonhar as fortes;<sup>28</sup> e Deus escolheu as coisas humildes do mundo, e as desprezadas, e aquelas que não são, para reduzir a nada as que são;<sup>29</sup> a fim de que ninguém se vanglorie na presença de Deus.<sup>30</sup> Mas vós sois dele, em Cristo Jesus, o qual Se nos tornou, da parte de Deus, sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção.

**Versículo 26.** Apoiando o que acabara de afirmar, Paulo recorreu à experiência dos cristãos coríntios. Como era estranho eles se envolverem com especulação filosófica e religiosa, buscando prestígio diante de homens, dado o fato de que o mundo já emitira seu julgamento sobre a pregação de Cristo e a rejeitara. **Não foram chamados muitos sábios**, poderosos ou bem nascidos entre eles. O futuro do cristianismo não estava com as elites intelectuais do mundo, com os financiadores nem com os aristocratas. “Cristo e Ele crucificado” (2:2) deveria ser uma fé que se firmaria principalmente nos corações de agricultores e trabalhadores comuns.

Desde os primeiros séculos da era cristã, os críticos rotulam os que aderem ao cristianismo de ingênuos e facilmente enganados. Certo inimigo dos cristãos, escrevendo no segundo século, declarou que eles eram uma espécie de gente que galgara das posições de “tecelões, sapateiros, lavadores de roupa e os mais iletrados e rudes camponeses” para a de pressupostos professores<sup>10</sup>. Embora Paulo provavelmente não pensasse que pessoas que trabalham no serviço braçal eram tão ignorantes e ingênuas quanto pressupunham os “sábios” do mundo, ele concordava que os sábios e letrados do mundo não tinham tempo para a mensagem da cruz. A sabedoria da cruz é profunda demais para ser apreendida pela sabedoria do mundo. “Olhem ao seu redor”, o apóstolo estava desafiando os coríntios; **reparai na vossa vocação** [“chamado”].

A alegação de Paulo de que os crentes coríntios não tinham “muitos sábios” entre eles **segundo a carne** levanta perguntas sobre a condição social e econômica dos primeiros cristãos em Corinto. Havia, de fato, alguns poucos letrados e ricos entre eles? A pergunta retórica em 1:20 parece implicar que nenhum indivíduo sábio segundo o mundo avaliava a possibilidade de ser cristão. John Gager estava correto ao escrever:

<sup>10</sup> Orígenes, *Contra Celso* 3.55.

...alguns crentes eram letrados e ocupavam lugares relativamente elevados na hierarquia social de suas cidades e vilas locais. Mas o que deve nos preocupar não são os poucos, mas a maioria e, conseqüentemente, o caráter do movimento como um todo.<sup>11</sup>

No primeiro século, o evangelho permeou o mundo amplamente por causa da receptividade dos pobres e menosprezados do império à notícia da graça e perdão de Cristo. Esses pobres e menosprezados, por sua vez, geraram as forças que operaram como um fermento nos lares e locais públicos até que o mundo inteiro ouvisse Jesus ser proclamado Senhor.

**Versículos 27 e 28.** Era muito comum, em Corinto, pessoas de menor destaque, pobres e desprezados estarem entre os salvos. Isso não era por acaso; era a ação de Deus. Ele **escolheu as coisas loucas do mundo para envergonhar os sábios e escolheu as coisas fracas do mundo para envergonhar as fortes** (1:27). Paulo prosseguiu dizendo: **Deus escolheu as coisas humildes do mundo, e as desprezadas** (1:28). Deus, intencionalmente, confundiu a sabedoria e a força arrogante dos homens. Ele fez essa escolha **para reduzir a nada as [coisas] que são**. Nenhum paradoxo é mais profundo do que o fato de Deus ter dado a pessoas humildes vidas boas e cheias de esperança e significado, enquanto a força do mundo só gera incerteza, miséria e até doença física. O crente, disse Jesus, ganha vida quando a perde (João 12:24, 25). Aqueles que possuem a sabedoria deste mundo jamais entenderão isso. “Paulo relata a aparente fraqueza e impotência da cruz com a própria fraqueza e impotência dos coríntios e destaca que o poder divino pode operar na fraqueza social deles.”<sup>12</sup>

Deus ter assumido forma corporal e carnal na pessoa do Seu Filho Jesus Cristo é uma doutrina distintamente cristã; é um princípio fundamental da fé. Os cristãos recusam toda e qualquer separação do corpo e do espírito. Na época do Novo Testamento, homens letrados se escandalizavam diante da possibilidade de a bondade e a santidade tornarem-se carne. E muitos ainda se escandalizam. Agostinho perguntou a filósofos como Porfírio e Apuleio: “Por

<sup>11</sup> John Gager, “Shall We Marry Our Enemies?: Sociology and the New Testament”, *Interpretation* 36, julho de 1982, p. 262.

<sup>12</sup> Troels Engberg-Pedersen, “The Gospel and Social Practice according to 1 Corinthians”, *New Testament Studies* 33, outubro de 1987, p. 562.

que vocês se recusam a serem cristãos?” Ele mesmo respondeu com outra pergunta: “Não é por que Cristo veio em humildade e vocês são orgulhosos?” Agostinho continuou: “Certamente, é uma degradação para homens letrados passar da escola de Platão para o discipulado de Cristo”<sup>13</sup>. Apesar dos mistérios inerentes à condição humana, homens cultos continuam a especular e se julgar sábios.

**Versículo 29.** A lição para os coríntios era esta: **Que ninguém se vanglorie na presença de Deus.** E elite social e também o povo comum estão sujeitos ao pecado, desamparo e ignorância. Ninguém pode alegar ter descoberto os desígnios de Deus; ninguém é capaz de entender a mente de Deus. Os coríntios não tinham base para se vangloriarem por Deus ter tomado a iniciativa de enviar um Salvador. O próprio Salvador enviou Seus apóstolos para proclamar a Sua mensagem ao mundo. A salvação para esses cristãos não procedia de nenhum desígnio ou plano humano. A glória era somente de Deus.

Vanglória é o oposto de vergonha. Nenhum desses termos se refere a um processo interior, psicológico; ambos têm a ver com a honra e o respeito que se recebe de amigos, parentes e conhecidos. Jesus ilustrou o que significa vergonha quando contou uma parábola direcionada aos que buscam os melhores lugares num banquete. Ele advertiu que o anfitrião poderia dizer: “Dá o lugar a este [home distinto]”. E acrescentou: “Então, irás, envergonhado, ocupar o último lugar” (Lucas 14:9). Ao escolher o melhor lugar, o indivíduo estaria buscando orgulhosamente a aclamação e admiração dos demais convidados; ter de mudar para o último lugar resultaria em vergonha diante dos mesmos convidados. O vocábulo grego vertido para “envergonhado” deriva da mesma raiz que “humilhação” e “desgraça”. Paulo estava pensando nas dimensões sociais da vanglória e da vergonha. Pregador sobre a cruz não gerava adulação pública para os cristãos coríntios. Em Cristo “que ninguém se vanglorie”. Ir a Cristo é se confessar pecador e desamparado.

**Versículo 30.** Paulo e seus leitores estavam **em Cristo Jesus**, mas não havia espaço para se orgulharem nessa declaração. Estavam “em Cristo Jesus” por causa **de Deus**. Deus tomou a iniciativa e os salvou. O uso enfático do pronome **vós** (ὁμοίς, *humeis*) contrastava incisivamente os coríntios com os sábios do mundo. Estar “em Cristo Jesus” significava que tudo o que eram se definia pela relação

<sup>13</sup> Agostinho, *Cidade de Deus* 10.29.

que tinham com o Senhor ressurreto: suas vidas, existência, convívio fraternal, esperança e futuro estavam nEle. Jesus é a base e a origem da redenção e esperança. Por isso, Cristo é, **da parte de Deus, sabedoria**. Para Paulo, estar em Cristo significava uma mudança radical. Toda fidelidade, conhecimento e afeto estão centrados nEle.

As versões mais tradicionais colocam “sabedoria” em paralelo com **justiça, e santificação, e redenção**. Todavia, a NVI pontua o versículo de modo diferente. Os tradutores da NVI entenderam que a “sabedoria [da parte de Deus]” engloba os demais conceitos. Portanto, verteram a frase da seguinte maneira: “...o qual Se tornou sabedoria de Deus para nós, isto é, justiça, santidade e redenção”. O acirrado contraste que Paulo traçou entre a sabedoria do mundo e a sabedoria de Cristo sugere que a NVI comunica o sentido correto.

### Resumo (1:31)

**<sup>31</sup>Para que, como está escrito: Aquele que se gloria, glorie-se no Senhor.**

**Versículo 31.** O apóstolo resumiu e enfatizou sua rejeição da sabedoria filosófica e do conhecimento segundo o mundo incentivando os cristãos coríntios a abandonarem a autossuficiência humana. Ele citou Jeremias 9:23, da LXX, mas a adaptação não violou o rogo do profeta. A sabedoria, a força e o prestígio humano não justificam o orgulho. A glória do cristão está num Salvador crucificado. Paulo citou: **Aquele que se gloria, glorie-se no Senhor** (veja Jeremias 9:23, 24). Gloriar-se em Jesus de Nazaré é o cúmulo da ironia: Ele foi um pregador itinerante, sem linhagem nem fortuna. Jesus negou a fama, o poder e o conhecimento deste mundo; e a Sua igreja, para ser como Ele, deve fazer o mesmo.

## DESTAQUES

### Inspiração e Memória (1:14–16)

Paulo disse a Timóteo que “toda Escritura é inspirada por Deus” (2 Timóteo 3:16). Ele tinha uma noção de sua própria inspiração (1 Coríntios 2:13). Porque a Bíblia é inspirada, os cristãos buscam em suas palavras direção na área da moralidade e na doutrina. A inspiração e o cânone da Bíblia são questões pertinentes à autoridade bíblica. Todavia, nem Paulo nem outro escritor da Bíblia explicou o misterioso processo pelo qual o Espírito Santo interagiu

com as mentes dos autores a fim de produzir seus documentos inspirados. A natureza da inspiração é relevante porque a autoridade bíblica é relevante.

O apóstolo mencionou que batizou Crispo e Gaio em 1:14 e depois se corrigiu dizendo que também batizou a casa de Estéfanos, deixando espaço para outro lapso de memória em 1:16. Isso demonstra que o Espírito Santo não assumiu simplesmente a mente do apóstolo; ninguém defenderia que o Espírito Santo tem lapsos de memória. A inspiração de Paulo pelo Espírito Santo operou dentro das limitações de sua própria memória, das necessidades específicas da igreja e do cenário social e cultural do mundo em que ele vivia. Tudo isso tem implicações importantes para a maneira como os leitores de hoje devem buscar autoridade e orientação em 1 Coríntios quanto a doutrina e comportamento.

Paulo era a primeira parte interessada na criação do documento escrito que denominamos “1 Coríntios”. Os contemporâneos do apóstolo em Corinto eram a segunda parte interessada, os destinatários imediatos. Os leitores subsequentes compõem a terceira parte que não a escreveu nem a recebeu como correspondência diretamente endereçada a eles. Para que nós, leitores subsequentes, recebamos de 1 Coríntios orientação revestida de autoridade, temos de tentar entender o que os primeiros leitores entenderam. Daí, precisamos definir o que o nosso mundo atual e o mundo dos primeiros leitores têm em comum e como esses dois mundos são diferentes. Enquanto buscamos a direção imperativa das Escrituras, precisamos reconhecer que a igreja de hoje enfrenta questões em níveis variados como as questões abordadas por Paulo. Por exemplo, as questões de unidade na igreja (1:10; 11:18) e comportamento imoral (6:9–11) continuam semelhantes, ao passo que a questão da cabeça coberta para mulheres (11:5–16) é consideravelmente diferente.

### **A Igreja e Sua Imagem Pública (1:17)**

Atualmente, as corporações gastam milhões de dólares com imagem pública. A imagem diz respeito a percepção e não a conteúdo. Uma empresa pode mentir para o público e trapacear seus empregados enquanto sustenta uma reputação de organização respeitável. Semelhantemente, a igreja em Corinto parecia estar mais preocupada com sua imagem pública do que com seu conteúdo. Paulo queria mudar o foco daqueles irmãos.

Para Paulo, “sabedoria de palavra” (1:17) e respeitabilidade filosófica medidas pelos padrões do

mundo não eram de suma importância. Ela poderia citar uma igreja do Senhor atual cujos membros bem conhecidos e cujo eloquente pregador são de pouca importância. O que mais importa é a convicção que os cristãos carregam em seus corações, a santidade de suas vidas que é visível pelo modo como se conduzem. Deus não se importa com imagem pública; Ele conhece o coração de uma igreja.

### **A Pregação da Cruz (1:21)**

Na versão aqui adotada (ARA), 1:21 diz: “...aprouve a Deus salvar os que crêem pela loucura da pregação”. A ARIB capta melhor a força deste versículo nas palavras: “aprouve a Deus salvar pela loucura da pregação os que creem”. A ironia que Paulo estava expressando não era que o mundo via a pregação em si como uma loucura. Ele estava enfatizando o poder inerente ao evangelho. Jesus enviou Seus discípulos para levarem o mundo a Deus através da pregação da cruz (Mateus 28:19, 20). A grande comissão continua sendo a ordem de marcha para a igreja.

A pregação da cruz é sempre um chamado à decisão. Analisar o chamado do evangelho como um intelectual, que pesa os prós e contras de filosofias deste mundo, é morte espiritual. Deus enviou Jesus para redimir a humanidade. O Senhor fez a vontade de Seu Pai. No momento em que Deus escolheu, Jesus voltará; nesse ínterim, o evangelho foi deixado nas mãos dos salvos. Pregar Cristo é convocar os que ouvem a tomarem a decisão de se converterem ao Senhor, incentivando-os a obedecer ao evangelho e a terem vidas tementes a Deus. Qualquer coisa menos que arrependimento e obediência consiste em decidir rejeitá-lo.

### **Os Fracos e os Loucos (1:25)**

Quando Paulo quis usar sua espada contra os inimigos de Jesus, no jardim do Getsêmani, Jesus reпреendeu a violência como meio de avançar o reino de Deus. Disse Ele: “Acaso, pensas que não posso rogar a meu Pai, e ele me mandaria neste momento mais de doze legiões de anjos?” (Mateus 26:53; veja João 18:10, 11). Desde o começo de Seu ministério, Jesus deixou claro que as lutas no reino de Deus seriam travadas numa arena diferente da de um campo de batalha.

O diabo tentou persuadir Jesus a seguir o caminho dos exércitos e das espadas. Ele levou Jesus a um ponto alto, mostrou-Lhe todos os reinos da terra e disse, essencialmente: “Tudo isto Te darei. Não há necessidade de sofreres na cruz” (Mateus

4:8, 9). Quando os zelotes queriam coroar Jesus rei, Ele se desvencilhou deles o mais rápido possível (João 6:15). O Salvador não faria uso de poder militar nem econômico. Ele advertiu um candidato a seguidor a não esperar sucesso material (Mateus 8:20). Sem a caridade das mulheres que se tornaram Suas seguidoras, Sua privação provavelmente teria sido mais severa (Lucas 8:2, 3).

Jesus rejeitou as maneiras como as pessoas do mundo mediam o poder, mas Ele não estava sem poder. Ele empregou metáforas do campo de bata-

lha para ensinar lições espirituais (veja Lucas 14:31, 32). As armas que Ele empunhou nas mãos de Seus discípulos eram a verdade, a persuasão, a compaixão, a fé e o amor. As armas da luta cristã não são as mesmas com que grandes generais equipam seus exércitos, porém elas são muito mais formidáveis (Efésios 6:13–16; 1 Tessalonicenses 5:8). O povo de Cristo, imitando seu Senhor, descobre sabedoria no que o mundo supõe ser loucura. Os cristãos encontram poder no que o mundo considera fraco.

Autor: Duane Warden  
© A Verdade para Hoje, 2018  
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS